

De volta ao novo normal

Tânia Charles

21

Pode-se dizer que, em meio a tantos conflitos trazidos por uma pandemia de nível mundial, 2020 foi um ano atípico. Assim como foi com tudo, com o nosso estágio não foi diferente. O primeiro estágio, em 2019, havia sido um sucesso, tive apoio de toda a escola, fiz um trabalho forte com a turma e não via a hora de voltar para sala de aula. Infelizmente, no ano seguinte, passamos o ano inteiro aguardando a liberação do Estágio Supervisionado de Professores II, que não veio. Final de 2020, começo das matrículas, ansiedade pelo novo, ou melhor, pelo velho. Quando as matrículas se abriram e logo vi o nome “Estágio II” entre as ofertas, senti-me completamente desesperada, pois havia se passado um ano sem aulas presenciais: “Será que eles ainda vão se lembrar de mim? ”; “Será que vai ser outra turma?”; “Será que vou conseguir?”.

No início do ano letivo, começo das aulas remotas, continuei com a mesma turma que havia acompanhado no estágio anterior, no entanto, houve uma grande mudança em tudo: não estávamos mais na escola, professores e gestão completamente atolados em papelada, alunos sem entender o cronograma... bateu o nervosismo. Depois de vários dias, tudo se ajustou, começaram as aulas síncronas através do aplicativo *Google Meet*, e foi então que entrei em cena novamente. Passei um questionário online para os estudantes com o objetivo de identificar suas principais dificuldades e desejos. Ao ler suas respostas, percebi que eles sentiam muita falta de aulas “face a face” com o professor, reclamavam que os vídeos da internet nem sempre ajudavam e que gostariam muito de ter mais aulas síncronas. Dessa forma, juntamen-

te com a supervisora, fizemos nossa primeira aula síncrona. Já estávamos no final do quarto bimestre, haviam retomado o ano letivo de 2020 a fim de encerrá-lo, no entanto, como eu disse atípico, então havia sido um ano apenas de atividades escritas, pouquíssimas aulas síncronas e muitas atividades.

Conversei com os alunos e disse que, nesse período em que estaríamos juntos, gostaria de fazer o contrário, gostaria de que nos sentíssemos mais próximos, e que entendia a angústia deles. Após essa primeira aula de conversação e discussão do tema, marcamos outra aula na qual apresentei slides pelo aplicativo *Google Meet*, e pedi que ligassem seus microfones e câmeras. Fizemos uma roda de conversa e um jogo online através da ferramenta *Quizlet*. Depois enviei o *link* para que, durante a semana, eles fizessem sozinhos. Na aula seguinte, fizemos uma gincana com quatro grupos. Eles haviam mandado as perguntas de forma assíncrona e, no momento síncrono, fizemos a brincadeira. Todos participaram e foi muito gostoso de fazer, senti-me muito bem e grata de poder ter um aprendizado tão grande, mesmo que de forma tão diferente e inesperada.

Nos outros encontros os alunos continuaram muito participativos e empolgados, gostaram do conteúdo. O que posso dizer é que o novo trouxe medo, mas também trouxe oportunidade. Esse estágio foi mais do que fundamental para minha formação, por meio dele eu pude entender que não existe apenas uma forma de se ensinar, que podemos e devemos sempre nos reinventar através de nossas atitudes – buscando nos tornar cada dia melhores, tanto para nós como para nossos alunos –, que, mesmo



(Samson Katt/Pexels)

quando tudo parece ser estranho, existe uma oportunidade guardada para nos ensinar algo.

Outro ponto muito importante nesse estágio foi a comunicação entre a comunidade escolar. Por meio dela, foi possível aproximar mais ainda os pais dos alunos dos professores. Através de aplicativos de mensagem pôde-se ter uma comunicação diária e mais assídua. Além de os pais cobrarem da escola, a escola também pôde cobrar deles, facilitando essa troca. Infelizmente os alunos de comunidades rurais, sem rede de internet, foram prejudicados em relação a esses momentos síncronos, pois receberam apenas as atividades impressas. Não foi o caso da turma do meu estágio, pois todos tinham acesso. Também foram prejudicados aqueles alunos que não puderam realizar as atividades e acabaram perdendo a maioria dos conteúdos trabalhados ou acumularam para o final do ano letivo. No caso da minha turma de estágio, isso aconteceu com dois deles, infelizmente. Procurei saber os motivos desses alunos não participarem e, no final, eles realizaram as atividades escritas que a supervisora desenvolveu.

Apesar de não ser o ideal, os educado-

res estão se virando de todas as formas que podem, estão se esforçando para que seus alunos não fiquem prejudicados. O ponto chave desse estágio foi a reinvenção, maior lição que me trouxe: ser professor é mais do que tudo saber se reinventar de todas as formas e não se deixar abater mesmo com tantas dificuldades.

Hoje, depois de finalizar esse estágio, entendo que as dificuldades sempre vão estar presentes em nossas vidas, que nem tudo sai como a gente quer, ou como a gente espera, mas que, mesmo assim, nós temos que “florescer onde fomos plantados”. Nesse momento de pandemia, o “novo normal” da escola foi para esses alunos uma oportunidade: de superar suas dificuldades de casa, suas angústias; de ter um braço de apoio, mesmo que distante, de saber que tem alguém ali por eles; de que, mesmo em tempos difíceis, estão tendo o privilégio de estudar e de ganhar conhecimento. Para mim, como professora, ter o privilégio de ensinar e aprender em um momento tão crítico da vida na terra foi um privilégio, uma conquista e a realização de mais um pedaço de um sonho.

Não desistir é a chave. Ao nos encontrarmos com as dificuldades, devemos usá-las a nosso favor. Nossos alunos se inspiram em nós e, muitas vezes, nem sabem que nós nos inspiramos neles também e que, através deles nos tornamos o profissional que sempre sonhamos ser. Diante das diversidades, das dificuldades, mas usando a transformação de uma forma boa, aprendemos e ensinamos, mudamos vidas e também mudamos a nós mesmos, em um constante aprendizado.